

**INSURGÊNCIAS SUBJETIVAS NAS UNIVERSITAS:
vivência acadêmica de mulheres negras estudantes de
psicologia¹**

**SUBJECTIVE INSURGENCES IN UNIVERSITAS:
academic experience of black women psychology students**

Karin Juliana Daffinyn da Silvaⁱ

Adolfo Pizzinatoⁱⁱ

RESUMO: Este artigo relata os resultados de uma pesquisa qualitativa que investigou a vivência acadêmica de duas estudantes negras de psicologia pertencentes à região sul do país. Foram realizados espaços conversacionais individuais e em grupo com três estudantes de psicologia conforme os pressupostos da Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade. Os resultados apontaram para a vivência de métodos de ensino enrijecidos, dificuldade de significação das teorias psicológicas e relacionamento interpessoal permeados pelo racismo. Concluiu-se a necessidade de politizar a identidade profissional e refletir sobre a ética nas pesquisas com este público.

Palavras-chave: Educação superior. Psicologia da educação. Ações afirmativas. Epistemologia qualitativa. Teoria da subjetividade.

ABSTRACT: This article reports the results of a qualitative research that investigated the academic experience of two black psychology students from the southern region of the country. Individual and group conversational spaces were held with three psychology students in accordance with the assumptions of Qualitative Epistemology and Subjectivity Theory. The results pointed to the experience of rigid teaching methods, difficulty in meaning psychological theories and interpersonal relationships permeated by racism.

¹ Artigo fruto da dissertação *Insurgências subjetivas: vivência acadêmica de mulheres negras e não-negras estudantes de psicologia*. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/71077>.

The need to politicize professional identity and reflect on ethics in research with this public was concluded.

Keywords: Higher Education. Educational Psychology. Affirmative action. Qualitative epistemology. Subjectivity theory.

1 INTRODUÇÃO

A violência racial brasileira inicia-se com a invasão portuguesa no processo de colonização e desde décadas passadas há o reconhecimento de que o Brasil foi o país que mais recebeu africanos escravizados, mais que o dobro que a América hispânica, Caribes, e seis vezes mais que os Estados Unidos (Moura, 1983). Conforme dados recentes do Slave Voyages, banco de dados dedicado a reunir informações sobre escravização, o Brasil não somente recebeu mais escravizados como também foi o último país a abolir a escravização (Paula; Rodrigues, 2022). Segundo Cunha Júnior (2019), esta configuração de escravismo criminoso permitiu a manutenção e crescimento das colônias, além da posterior transformação das mesmas no Estado brasileiro. O racismo, tido por diversos autores como um fenômeno sistêmico e histórico das sociedades, pautado na violência racial desumanizante e genocida, pode ser visto como algo originado desde a Idade Antiga ou mesmo como parte dos processos de colonização pelo mundo (Diop, 2014; Grosfoguel, 2012). Como alternativa, o Estado tem proposto ações afirmativas de cunho reparatório para populações negras, a fim de combater o racismo como um problema social.

Após duas décadas da outorgação do Decreto 6.096/2007 (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI) e Lei 12.711/2012 (Lei de cotas), variados são os desafios e questionamentos que permanecem nos processos de implementação e na busca pela efetividade de ações afirmativas, particularmente no âmbito do ensino superior. Popularizadas como “cotas raciais”, o estabelecimento das ações voltadas para negras/os disparou uma onda de conflitos sociais que tiveram como fonte estereótipos raciais sobre populações negras e a deslegitimidade de políticas repatórias com base na raça (Lyrio; Guimarães, 2014). No entanto, as dificuldades de implementação de programas como o ProUni (Programa Universidade Para Todos) e demais ações afirmativas federais simpáticas ao REUNI foram inflamatórias do descontentamento de pessoas contrárias ao combate da desigualdade racial por meio de políticas públicas.

Salles et. al (2020) citam que a precarização do quadro docente nas IFES (Instituições de Ensino Superior) e o repasse parcial da verba destinada ao Reuni enfraqueceram a política que o motivava, mas, ao citar Paula (2018), Salles et al. (2020) concluíram que os impactos do Reuni foram positivos para o sistema universitário, pois houve melhora na qualificação docente, aumento de 11,31% nas publicações presentes na plataforma Web Science e profusão de parcerias internacionais com o programa Ciências sem Fronteiras, fato que garantiu espaço para o sistema universitário brasileiro no cenário internacional (Salles et. al, 2020). Apesar disso, o repasse parcial da verba destinada a estes programas ocasionou o enfraquecimento da infraestrutura e recursos humanos necessários para a expansão das vagas universitárias (Paula; Almeida, 2020; Salles et. al, 2020).

Permanecer e concluir o ensino superior com qualidade após o ingresso pode ser visto como uma das reivindicações históricas da luta de coletivos negros brasileiros por acesso à educação, pois as cotas não são sinônimo de ações afirmativas, mas apenas uma modalidade destas (Gomes; Silva; Brito, 2021). Diversos são os estudos que estão tematizando a permanência ou aspectos constituintes da mesma ao abordar o desempenho, a evasão, a retenção ou mesmo as trajetórias de estudantes cotistas, recomendando o fortalecimento da assistência estudantil durante o período de graduação (Terra; Carraro; Ferreira, 2019; Gomes; Silva; Brito, 2021; Pinheiro; Pereira; Xavier, 2021).

Nesse sentido, o estudo da vivência acadêmica soma-se a esta literatura ao permitir a compreensão de meandros subjetivos que se relacionam com diferentes dimensões do cotidiano acadêmico, expressando os atravessamentos institucionais, formativos e profissionalizantes nas diferentes áreas. Em uma perspectiva histórico-cultural da psicologia a análise da dialética singular-particular- universal permite a apreensão da essência dos fenômenos pesquisados. Conforme esta abordagem, a vivência é uma categoria que expressa o entrelaçamento recursivo e processual entre aquilo que é social, individual e singular (Pasqualini; Martins, 2015). Portanto o estudo da vivência não se refere a uma abordagem subjetivista das experiências humanas, de caráter individualista ou sem qualquer nexos com a realidade social mais ampla. Pois, todo fenômeno singular carrega determinações universais, a tarefa de quem pesquisa é desvelar de que forma as singularidades se concretizam na universalidade e de que maneira a universalidade se expressa nas singularidades dos fenômenos (Pasqualini; Martins, 2015).

O modo como se vivencia a graduação demanda estratégias de estudo e permanência mesmo quando não há apoio institucional (Cordeiro; Auad, 2021), tal como recorda Passos (2015), a entrada de estudantes negros e indígenas nos espaços universitários desafia o modelo eurocentrista de universidade já não sendo possível enxergá-lo apenas como um acadêmico, mas como alguém que possui raça- etnia e acessou mais ou menos oportunidades de vida. Silvério et al. (2022) também ressaltam como a literatura tem demonstrado o custo emocional e psíquico que um ambiente universitário hostil e sucateado pode trazer a estudantes que muitas vezes são os primeiros das suas famílias a adentrar na universidade. Os autores também afirmam a necessidade de maior financiamento para as políticas afirmativas em universidades públicas, combate ao mito da democracia racial e maior solidariedade política para a criação de redes de apoio dentro e fora da vida acadêmica (Passos, 2015; Cordeiro, Auad, 2021; Silverio et. al, 2022;), nas instituições privadas também se fazem necessários estes mesmos investimentos no ProUni (Oliveira & Molina, 2012).

Os dados de Daflon, Feres Júnior e Campos (2013) apontam que a região sul do país, onde está circunscrita esta pesquisa, teve mais beneficiários indígenas (14,2%) e de escola pública (12,9%) nas instituições pesquisadas, ainda que o debate sobre este tema se concentre na reserva de vagas para pessoas negras, constitutiva de apenas 7% dos beneficiários. Segundo o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa de 2020 para 2021 houve queda na oferta de vagas para ações afirmativas das universidades públicas em todas as regiões do país com exceção das estaduais centro-oeste onde ocorreu um crescimento de 46,26%. Por outro lado, esta pesquisa também demonstra que as universidades estaduais são as que menos ofertam vagas comparativamente às federais, algo que faz questionar o impacto deste crescimento na população negra frente à redução nacional das vagas.

Tanto no campo teórico como profissional a Psicologia brasileira opera desde a sua origem com marcadores raciais, sendo um reflexo e um constituinte social das relações raciais do país. A inserção de um debate antirracista mais incisivo pode ser localizada na publicação das obras de autoras como Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos Souza sobre racismo, subjetividade e consciência negra. Schucman e Martins (2017) também destacam as contribuições de Maria Aparecida Bento para os estudos sobre branquitude e seu pioneirismo na criação do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert), além de Silvia de Souza, Marilsa de Souza Martins, Ana Maria Silva e Maria Lucia da Silva fundadoras do Instituto Amma Psiquê e negritude, iniciativas que pressionaram o Conselho Federal de Psicologia para normatizar a atuação profissional quanto aos atravessamentos raciais, representando também uma negritude produz conhecimento e se recusa a ser um mero objeto de estudo.

Em vista disso, este artigo objetiva discutir os dados da dissertação *Insurgências subjetivas: vivência acadêmica de mulheres negras e não-negras estudantes de psicologia*, concluída em 2019, dando ênfase à vivência das estudantes negras participantes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada na Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O estudo foi realizado a partir das configurações subjetivas da vivência acadêmica, categoria que, segundo a Teoria da Subjetividade (González Rey; Martínez, 2017), expressa o caráter configuracional com o qual a subjetividade se apresenta nos momentos de interação entre pesquisador(a) e participantes nos contextos de pesquisa, a emergência das configurações subjetivas se dá na temporalidade do desenvolvimento subjetivo do pesquisar, uma vez que este é o centro da produção de conhecimento; a pesquisa é um sistema em desenvolvimento do qual quem pesquisa faz parte (Rossato, 2020). A pesquisa orientada por esta epistemologia é realizada de forma construtiva-interpretativa, no curso da pesquisa são produzidas hipóteses que no decorrer do cruzamento e confronto de informações, dentro e dessa forma inteligibilidade sobre aquilo que se pesquisa; este processo demanda criatividade do/a pesquisador(a) na construção de uma metodologia que corresponda à complexidade do fenômeno estudado (Rossato, 2020).

A produção de sentidos subjetivos sobre os questionamentos do/a pesquisador(a) em campo ocorre quando há o engajamento dos participantes nos espaços de diálogo, um engajamento que se expressa pela expressão da emocionalidade, crítica, questionamento e demais formas que demonstram interesse nas temáticas, provocações e convites realizados por quem pesquisa (González Rey; Martínez, 2017). Sendo apresentado este ambiente ativo e interativo entre pesquisador(a) e participantes, denominado por González Rey (2005) como cenário social da pesquisa, é possível apreender as configurações subjetivas, as quais são o modo dinâmico como os sentidos subjetivos se apresentam no contexto de investigação.

Quadro 1 - Caracterização das participantes da pesquisa

Nome fictício	Raça/cor	Idade	Universidade	Periodização
Edna ²	branca	38	privada	5º ano
Jussara	negra	49	privada	5º ano
Yasmin	negra	23	pública	4º ano

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Assim, esta pesquisa foi realizada com três estudantes de psicologia que utilizavam o ProUni e cotas raciais, as quais preencheram o formulário de participação online após divulgação de um folder que anunciava o desejo de participantes que utilizassem políticas afirmativas. Em um primeiro momento, buscava-se apenas realizar espaços conversacionais com estudantes negras mas, com a afirmação de que gostaria de falar sobre sua vivência enquanto estudante cotista, uma estudante branca usuária do ProUni (Edna), amiga de outra estudante negra também inscrita, demonstrou interesse em participar da pesquisa.

Diante da riqueza de detalhes e grau de engajamento pessoal basilar deste cenário de pesquisa, foi incluída a análise da vivência de Edna nos processos de produção da informação, considerando seu relato como fonte adicional sobre as relações raciais que atravessavam a vida da colega negra. Vale ressaltar que Edna e Jussara estavam produzindo juntas o Trabalho de Conclusão de Curso com o tema “sentimentos dos estudantes de psicologia durante o Trabalho de Conclusão de Curso”. A terceira participante denominada Yasmin, estudante de cotas raciais em uma universidade pública federal demonstrou interesse mediante contato informal com a pesquisadora, tendo se voluntariado para participar devido a ter realizado pesquisas anteriores no campo das relações raciais e desejar continuar pesquisando sobre esta temática no intercâmbio que faria dali alguns meses.

Ao todo, foram realizados cerca de seis espaços conversacionais, dois individuais com Edna e Jussara, um com Yasmin e um espaço conversacional em grupo, todos na instituição de origem da pesquisadora, em sala reservada. Na conclusão da pesquisa também foi pedido que Yasmin respondesse a um complemento de frases com o objetivo de confirmar algumas questões que não tinham ficado nítidas no encontro individual com a mesma.

A construção de informação foi iniciada logo após a primeira entrevista com Jussara, pois no primeiro espaço conversacional com Edna ainda se estava construindo o cenário de pesquisa. Este processo foi finalizado após a transcrição e revisão dos espaços conversacionais, os quais foram gravados em áudio. Os resultados que expressam a síntese dos indicadores de sentidos subjetivos da vivência acadêmica foram caracterizados e discutidos conforme as temáticas emergidas deste percurso.

² Todos os nomes das participantes são fictícios.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A negação da afetividade, criatividade e subjetividade na vivência acadêmica, dimensões historicamente excluídas dos processos de aprendizagem endossados no ensino superior, evidenciou a vivência acadêmica de um modelo de ensino pouco comprometido com a qualidade da formação nos cursos de psicologia realizados pelas participantes. A reprodução de aulas conteudistas, precárias do estímulo à criatividade produziram falta de sentido na vida estudantil e dificuldade de significação das teorias psicológicas devido ao engajamento frustrado, além do racismo vivenciado na informalidade cotidiana do curso, condições que provocaram decepção com a formação acadêmica. Tal dinâmica pode ser relacionada tanto com o lugar social que as estudantes representavam – o de “cotistas”, quanto com os modelos de política educacional ligada à grade curricular acessada pelas estudantes. Na análise da vivência acadêmica também foi premente a relação entre projeto de vida e trajetória acadêmica relatada pelas participantes, fato que remonta aos processos identitários constituídos ao longo do curso, além da ética na pesquisa com esta população.

Neste cenário, a sistematização dos resultados permitiu destacar três pontos que se referem não somente à vivência acadêmica individual das estudantes, mas também dos processos sociais mais amplos que atravessam e constituem a subjetividade destas. São eles: I. a implementação de políticas afirmativas em instituições públicas e privadas, II. a politização da identidade profissional no campo da psicologia, e III. a ética de pesquisa considerando as relações raciais.

3.1 Política versus ação afirmativa pontual: quando a lógica liberal é aliada do epistemicídio

(01) Jussara: A L (universidade privada) é só marca, e assim os profissionais da L, são ferramentas, não são pessoas... Isso eu tô tomando noção agora, desses dias pra cá... É, eles tão lá na sala, eles têm o sistema deles, eles dão aula, mostram os dentes... Mas saiu daquele ambiente, da porta da sala nada, terminou a hora de aula deles acabou, não tem relacionamento, não precisa contar com eles pra nada. E... é meu isso, de mim isso, mas é muito impessoal o relacionamento dentro da L. Inclusive os alunos que começam a trabalhar no centro de psicologia como estagiários. Eles pegam aquela, aquele ranço...

(02) Jussara: Lá eles abafam, abafam, abafam (diz estas palavras batendo intensamente uma mão na outra), não se discute esse assunto (raça e racismo), você não tem voz, se você ficar perguntando você sai de otária, você começa a sentir... eu falava, eu questionava muito, hoje eu não pergunto nada.

Nestas falas, Jussara destaca a dificuldade de se expressar ao longo do curso de psicologia, indicando a falta de aderência institucional e pedagógica às questões raciais, ao mesmo tempo em que aponta uma impessoalidade marcante no curso de psicologia. Este *modus operandi* pode ser relacionado com o que a filósofa Marilena Chauí (2003) descreve acerca de organizações privadas ao dizer que estas buscam se adaptar celeremente à dinâmica social, sendo estruturada pela

particularidade e instabilidade dos objetivos. A docência nas organizações sociais ou universidades operacionais (universidades públicas organizadas pela lógica do mercado), objetiva transmitir conhecimentos de forma rápida e ao máximo sintetizada, são contratados professores muito especializados ou focados em nichos de atuação, a pesquisa não visa o conhecimento, mas a intervenção e controle de algo (Chauí, 2003). Conforme a autora, isto faz com que, ao cumprir metas e objetivos pedagógicos calculados no tempo, conforme o custo benefício das ações educativas, não faça mais sentido estender a interação e relacionamentos para além da sala de aula ou espaços formativos restritos, algo expresso como queixa nas falas de Jussara.

Evidenciar tal cenário no relato desta participante, não visa, contudo, dar destaque à necessidade de maior carga horária docente, muitas vezes já precarizada nas organizações sociais, como afirma Chauí (2003). Todavia, é chamativa a falta de oportunidade para construção de espaços de formação atrelados às diversas realidades estudantis como a de Jussara, mulher negra e mãe pertencente à classe popular. A informação emergente dos trechos expostos é de que não há tempo para estas questões na formação em que a estudante se insere. Mesmo que a expansão do acesso ao ensino superior por meio de ações afirmativas, as quais possibilitaram que todas as participantes tenham adentrado a graduação, a qualidade da formação acadêmica foi, segundo pesquisas diversas e mais atuais, prejudicada e precarizada devido ao modelo de gestão e planejamento acadêmico das organizações educacionais (Aroni, 2008; Leibão, 2015; Costa & Silva, 2019). Soma-se a isto a ausência de docentes negras e negros antirracistas nos cursos dos quais Jussara fazia parte.

Mas e quando situações semelhantes ocorrem nas universidades públicas? Vejamos o que diz Yasmin:

(03) Yasmin: E, a percepção que eu tinha do curso também foi mudando ao longo do tempo né, tipo, aqui é um curso de uma universidade, pública, tipo só que a grande maioria do pessoal tem uma renda alta assim né e tipo, é de classe média pelo menos, tipo, classe média alta, só que isso não fica tão explícito assim. Eu não sei que fenômeno que existe porque as pessoas, não, não existe essa diferenciação tão grande assim de quem é pobre e quem é rico, a galera que é rica tenta disfarçar ao máximo assim, então são poucas pessoas que realmente você sabe que tem dinheiro e aí fica naquele, naquele clima de igualdade assim que a gente sabe que não é verdade. Então durante muito tempo eu fiquei nesse clima de igualdade e também comigo acontece principalmente a questão racial assim. Então no começo tinha isso então, eu tava naquele ambiente de ‘nossa, todo mundo é muito igual, é paz e amor’, é um clima de amor assim na psicologia que até hoje eu não consigo entender. E, e aí principalmente no segundo ano várias coisas começaram a aparecer de ‘não tipo, as coisas não são essa perfeição que a pessoas fazem’ e, tipo, a gente é diferente, e, foi quando começou a pegar muito mais forte as questões raciais pra mim assim.

Yasmin também teve mais oportunidades de abordar as questões raciais ao longo do curso, já que estava vinculada a um Grupo de Pesquisa (GP) onde realizou uma revisão de literatura com esta temática, parte da sua Iniciação Científica.

(04) **Yasmin:** Sim, durante os três primeiros anos é... o que me manteve, o que me ajudou foi ter ficado no GP (Grupo de Pesquisa) e, porque a bolsa do GP era o que me mantinha aqui assim. E aí esse ano eu comecei a trabalhar, e aí também é um trabalho, totalmente... é diferente assim porque meu horário de trabalho é seis horas só, tipo, das três às nove então eu consigo encaixar com a faculdade. Só que aquilo que eu imaginava antes que eu consegui fazer matéria só de manhã e trabalhar assim eu vi que não era possível aqui assim. Era bem diferente aquilo que eu imaginava com a realidade que tinha. A maior parte das pessoas não trabalham aqui na faculdade porque não tem como com a grade e você morar sozinho... São várias outras questões que não era aquele ideário que eu tinha assim lá, porque lá em São Paulo a realidade é totalmente diferente...

Apesar disso, a estudante precisou de auxílio dos pais para se manter em outra cidade sem poder trabalhar em determinados momentos do curso, visto que a grade era integral nos semestres iniciais. A realidade experienciada em São Paulo onde estudantes tendem a trabalhar simultaneamente aos estudos conota uma condição regional em uma capital com maior número de migrantes de outros estados, diferentemente da capital sulista onde havia maior número de estudantes que ainda moravam com os pais ou tinha o aluguel pago pela família. Esta realidade seria mais difícil para Jussara, a qual sendo mãe ainda precisava trabalhar para contribuir em casa e não recebia auxílio financeiro de outras pessoas.

(05) **Yasmin:** E eu acho que isso me afetou bastante também porque... até hoje eu não sei de que linha eu sou, eu não consigo me decidir assim, porque eles não são tanto apegados a essas teorias que a gente têm. Então o R (professor) é psicologia do desenvolvimento, por mais que tenha uma coisa mais comportamental assim por trás e o I (professor) é Estudos Críticos e são autores, eles usam muitos autores que eles trabalham sobre as relações raciais né. E aí vindo de várias perspectivas, da Educação, de outras áreas, que a gente não pode usar simplesmente a... é... as coisas só da psicologia né. Porque não bate, não é a mesma coisa...

Ao ser questionada sobre a relação entre sua pesquisa de iniciação científica e sua formação ao longo do curso, Yasmin relatou que teve dificuldades em conectar as duas coisas. Ela expressou uma relação de ambiguidade das experiências que tinha neste grupo de pesquisa e nas aulas gerais com os colegas de curso. É possível notar o hiato e a contradição vivenciadas por ela na graduação de uma universidade pública que, mesmo sendo algo ausente na trajetória de Jussara, é igualmente perpassada pela invisibilidade das questões raciais no currículo formal de psicologia. Isto fica ainda mais evidente quando ela discorre sobre a escolha da ou do orientador para o Trabalho Final de Curso (TCC):

(06) **Yasmin:** (Risos) “tá uma... tá uma crise. Eu fui mais pela temática mesmo. Professores que seriam possíveis de... de orientar esta temática que eram a O e a W (professoras), que eu já tinha trabalhado com isso, e acabou que as duas são de sócio né. ... Então aí a gente entrou num acordo, que a gente vai tentar trabalhar pelos Estudos Críticos, pra não precisar se pegar numa teoria só né. Mas trabalhar mais com Estudos Críticos. E aí é isso, vamos ver no que vai dar... (risos).

Ainda assim, a estudante conseguiu elaborar uma visão própria e se organizar frente a estes desafios, mesmo que tenha se responsabilizado individualmente por este processo institucional e curricular. Em um dos espaços conversacionais ela apresentou sua opinião sobre o que deveria mudar para que esta realidade fosse menos onerosa:

(07) **Yasmin:** Então é pensar como estruturante e é isso que a gente não faz aqui no curso e que... E quando a gente fala é de forma muito superficial, muito rasa. E um trabalho que eu fiz lá no terceiro ano que vai falar sobre isso assim, aí a gente tem uma reforma de currículo que a gente deveria colocar relações raciais transversalmente no currículo e aí a gente vai lá e joga numa matéria né porque a gente acha que tem a ver com psicologia social, por exemplo. Não! A gente tem que falar sobre isso na clínica também sabe, a gente tem que falar isso na escola, tem que falar em todo os âmbitos assim. Então é uma coisa que, que durante a graduação inteira eu fiquei remoendo assim, tipo, a gente precisa discutir isso, isso é importante, isso é algo estrutural e passa batido assim... E toda vez que a gente discute parece que não chega nesse mesmo no nível de compreensão, por exemplo, com a galera da sócio, é um pessoal que consegue ter um pouco mais de sensibilidade pra isso, mas não, isso tá submetido a uma questão de classe... Então é bem problemático assim...

A ausência da questão racial nos currículos de psicologia é histórica e pode ser localizada em duas grandes problemáticas que atravessam as Instituição de Ensino Superior para além do liberalismo: o epistemicídio e o racismo institucional. Segundo Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio ocorre quando a educação reproduz poderes, saberes e subjetividades e outras formas de violência social aniquilantes. Segundo ela, o epistemicídio se configura como uma forma de inferiorização intelectual de pessoas negras, rebaixamento, assassinato ou sequestro intelectual com a intenção de anular o negro enquanto sujeito de conhecimento. A vivência acadêmica de Yasmin e Jussara expressam também a vivência do epistemicídio quando tentam recorrer à abordagem da própria realidade enquanto mulheres negras nos currículos de psicologia cursados. A insegurança intelectual aparece como dificuldade na participação nas aulas e relação com os colegas, os quais em circunstâncias de problematização e enfrentamento do epistemicídio poderiam ser aliados no combate à violência racial.

Pode-se apreender a relação recursiva entre a lógica liberal capitalista e o epistemicídio nas universidades privadas e públicas, quando não há a valorização das relações raciais ou a abordagem superficial, fragmentada e distorcida em momentos pontuais da formação acadêmica. Soma-se a isso a baixa porcentagem de contratação de docentes negros, bem como a dificuldade de ampliação de vagas para outros profissionais negros que tenham influência sobre a vontade política no quadro de funcionários que implementam políticas afirmativas nos setores públicos (Vieira, Castaman & Jungues Júnior, 2021) no campo da educação. Os cortes no orçamento das universidades públicas também pode ser considerado aliado do epistemicídio quando impacta sobre a possibilidade de abertura de novas vagas docentes, bolsas de pesquisa e iniciação científica em programas de pós-graduação que tenham intenção de pesquisar a temática racial, assim como os modelos de gestão e avaliação de indicadores acadêmicos produtivistas que pressionam os docentes entre a quantidade e a qualidade das publicações

e projetos de extensão universitária (Tavares, Oliveira & Seiffert 2011; Andrade, Cassundé & Barbosa, 2019).

Outra dimensão influente nestes espaços é a do racismo institucional, caracterizado por Silvio Almeida (2019) como desvantagens e privilégios raciais reproduzidos nos modos de orientação, rotinização e coordenação de comportamentos que regulam a ação social em sistemas sociais. Conforme o autor, as instituições podem agir para preservar a hegemonia de grupos raciais quando estes impõem seus interesses em forma de regras, padrões de conduta e modos de racionalidade sob as quais instituições funcionam. Nesse caso, as instituições são utilizadas como ferramenta de controle social por meio de parâmetros discriminatórios oriundos destas hegemonias, para tentar moldar o comportamento humano, as decisões, sentimentos e preferências individuais (Almeida, 2019). Tendo em vista que as instituições, tal como na sociedade, serão atravessadas por lutas políticas entre grupos e indivíduos que querem assumir o controle da instituição (Almeida, 2019), a educação para as relações raciais se torna mais ou menos relevante a depender da atuação de grupos políticos motivados pela racialidade nas universidades. Ao passo que a falta de investimento em ciência e nas universidades limita a discussão das relações raciais, o racismo institucional faz com que os agentes institucionais das coordenações, corpo docente, demais funcionários e servidores, negligenciem e desvalorizem este tema mesmo quando tem possibilidade de fazê-lo.

Por esta análise, nota-se a complementaridade entre a lógica liberal da educação brasileira e a reprodução do epistemicídio em universidades públicas e privadas vivenciadas por estudantes negras ingressantes na graduação de psicologia via ações afirmativas. Compreende-se não ser possível realizar políticas afirmativas com viés emancipatório de populações negras mediante o acesso ao ensino superior quando a permanência e qualificação estudantil são precarizadas, mais direcionadas ao funcionamento do mercado educacional do que ao papel social da educação na sociedade. Quando isso ocorre, não somente há produção de sofrimento e quebra de sentido na formação acadêmica, como se esvazia a essência de políticas reparatórias raciais, transformando políticas em ações afirmativas pontuais.

3.2 A politização da identidade profissional por meio das relações raciais

(08) **Jussara:** Bom... primeiro que eu não estaria cursando a universidade se não tivesse havido esta oportunidade (Prouni). Claro que, quando eu estava fazendo o segundo grau, há sei lá... 20, 30 anos atrás, em 89 (1989), houve uma oportunidade sim, eu ganhei uma inscrição de vestibular, eu enfrentei a fila no banco pra ativar a inscrição, me inscrevi pro vestibular sim, da federal inclusive, não era pra psicologia, mas era pra ciências sociais e jornalismo. Mas aí eu fiz o segundo grau numa escola lá do bairro, os professores transmitiam pra gente um sintoma de muita derrota, além do racismo, esse racismo... esse preconceito racial embutido nas coisas que você não percebe, que só te detona, te deixa diminuída, mas você não percebe exatamente o que é né... como assédios de alunas brancas. E um professor polaco também fez isso comigo, o professor X. Então eu não sabia o que era aquele sintoma de inferioridade, de... falta de fé, de esperança, eu ia dar conta daquele vestibular e conseguir uma bolsa,

quem sabe uma oportunidade né. E no dia eu não fui fazer o vestibular, simplesmente não fui né. meu corpo resistiu, deu uma puta preguiça e não fui fazer.

Ao contar a experiência de ter adentrado o curso de psicologia via ProUni em paralelo à vivência de racismo na escola, Jussara demonstra a elaboração de sua identidade racial a partir do reconhecimento do racismo e da importância das políticas afirmativas. Contraditoriamente, a estudante associa o acúmulo de episódios de racismo e o sentimento de inferioridade em relação a suas capacidades acadêmicas à preguiça que a fez desistir do vestibular. Este trecho não somente evidencia a ambiguidade dos processos identificatórios de constituição e construção da própria racialidade, como o argumento de que políticas afirmativas, dada a reivindicação histórica e política que a justificam, são recursos organizadores da subjetividade de pessoas que desenvolvem uma consciência negra. Esta lógica também é descrita no estudo de Rosa e Alves (2020), o qual aponta a importância do enfrentamento do racismo e da criação das possibilidades de (re) existência nos e mediante os espaços universitários.

Yasmin também expressa processo semelhante visível no seguinte trecho:

(09) Yasmin: É... Eu acho que eu passei por vários momentos diferentes, é... ao longo da graduação e o envolvimento com o coletivo (de estudantes que enfatiza a discussão sobre relações raciais na universidade) e com o grupo de pesquisa também tem bastante repercussão nisso assim. Tipo, quando eu tava envolvida com ... com o coletivo a gente tem um posicionamento mais de embate assim de “nossa eu não acredito que as pessoas não entendem, será que você não vê isso...e não sei o quê”, de expor isso mesmo né. E aí eu acho que eu agora eu tô num momento mais pacífico assim de “não, as pessoas realmente não entendem isso”, é... eu acho que a gente avançou muito teoricamente e, entre a gente, só que esse conhecimento não, não chega pra outros lugares assim né.

A ideia de que as relações raciais não são óbvias remete à história do Brasil, pautada pelo mito de que o país é uma mistura igualitária e harmônica de vários povos, apesar do violento processo de colonização, isto é, o mito de que há uma democracia racial (González, 2020). Como já mencionado no tópico anterior, Yasmin ressignifica sua posição social- racial ao longo do curso quando percebe que há diferenças significativas entre ela e os colegas. Da mesma forma que Jussara, embora por caminhos e oportunidades distintas, ela passa a enxergar sua identidade racial negra a partir do contato com a literatura sobre relações raciais, a vivência de discriminação racial quando expõe sua temática de iniciação científica em sala de aula e no contato com coletivos e colegas negros. A partir da percepção das relações raciais no curso, tanto Yasmin como Jussara demonstram que em certo momento do curso de psicologia percebem que não apenas estão se tornando psicólogas, mas futuras psicólogas negras.

O conceito de identidade política, cunhado por Ciampa (2002), refere-se ao processo de individuação que através de uma atitude reflexiva permite à pessoa desenvolver novas pretensões de reconhecimento social partindo de políticas de identidade, as quais desafiam parâmetros políticos hegemônicos. Apesar desta definição, há na literatura de variados intelectuais negros a descrição de

processos subjetivos semelhantes quando há a afirmação de referenciais raciais positivos ou de resistência ao racismo. Como exemplo, pode-se citar o conceito e movimento social de negritude criado pelo francês Aimé Césaire (2010), o negro revoltado de Abdias do Nascimento (1968) e as ideias presentes na obra *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon, sem mencionar contribuições de Grada Kilomba e Edouard Glissant ao caracterizar as heranças além da violência colonial para as diásporas negras.

Ao nos atentarmos para a trajetória, o autorrelato e o aceite voluntário destas estudantes para participar da pesquisa, é possível observar que elas tinham a dizer sobre as políticas afirmativas, a universidade em que estavam e o racismo que perpassava suas vivências acadêmicas. No entanto, a análise das configurações e sentidos subjetivos sistematizados em indicadores da subjetividade das estudantes em relação à vivência acadêmica, também identificou o entrelaçamento recursivo entre estas temáticas e outras motivações pessoais para adentrar a graduação de psicologia. Um exemplo disso, é a relação entre a racialidade e a vida familiar e conjugal de Jussara:

(10) Jussara: Eu tô muito assim no concreto, subjetividade pra mim ainda sei lá... se algum dia eu chego lá entendeu... E, eu não sou casada com um homem negro, o único homem negro que eu namorei, apesar de que não rolava de verdade nada entre nós, a minha mãe veio e falou pra mim que eu não devia namorar homem preto, que a minha mãe é casada com um homem preto. Porque os filhos saíam pretos, e tinha muita discriminação. Foi isso o que minha mãe falou pra mim quando eu namorei um único preto (riso breve). Então assim, acabei casando com uma pessoa que foi muito difícil de aceitá-lo na minha vida, ele é italiano, branco, vermelho, das bochechas rosa.

(11) Jussara: Eu senti muita resistência de mim, em mim, de estudar mais sobre hiperatividade e desafiador, mas por isso que provavelmente, eu descí pra, descí não, é, me desviei da sistêmica e fui pra psicanálise porque eu preciso de respostas mais profundas e eu tô tendo isso através dos pacientes que eu atendo, não procuro nenhum, mas acaba né, você sabe como funciona isso né. Os seus conteúdos que você precisa trabalhar acaba vindo na forma de paciente né. E não teve um até agora que eu dissesse “ah não tem nada a ver com a minha vida ou com alguém lá de casa.

Nos trechos acima, o entrelaçamento entre a vida acadêmica, familiar e conjugal, dialeticamente recursivos à constituição da identidade racial de Jussara, é expresso acentuadamente. Jussara proveniente de uma família interracial, filha de mãe branca e pai negro, é mãe de dois filhos, uma mulher branca de 22 anos e um homem negro de 19 anos, casada com um homem branco, pai de seus filhos. Ao longo dos espaços conversacionais individuais, dos quais foram transcritos os trechos acima, ela conta o sentimento de desamparo materno e culpa à medida que percebe ter preterido amorosamente um homem negro devido à pressão de sua mãe branca. Expressa culpa também por ter se casado com um homem branco, com o qual relata distanciamento afetivo e dificuldades amorosas, deixando no “concreto” esta dimensão de sua vida. Outro ponto importante que expressa não somente culpa, mas afeto e curiosidade, é a entrada no curso de psicologia e a agenda de investigação pessoal sobre a hiperatividade de seu filho, fato que é constantemente ignorado e rechaçado nos momentos

em que ela tenta abordar o assunto em sala de aula ao longo do curso. O relato de Edna sobre Jussara fornece elemento de como esse cenário se configurava:

(12) **Edna:** A minha colega pensou várias vezes em desistir, né... Até porque ela foi várias vezes pra universidade, ela foi pro curso de psicologia, buscando respostas né. Porque ela tem um filho com TDAH né, então ela foi buscando respostas né pra aquilo. E , quando ela se deu conta de que nenhum professor tinha resposta na ponta da língua, ela foi ficando desanimada. Apesar de ela ter vocação pra psicologia, mas ela foi né com essa questão né, eu quero saber, e com essa questão da educação né. Que o filho dela nunca conseguiu ser bem atendido e acolhido né na escola né, pública, por conta né, do TDAH. Então o menino, foi muito idas e vindas pelas escolas assim e o menino nunca foi bem assistido né . Então ela tinha essa questão né, eu tenho que buscar uma solução pro problema do meu filho né. E ela assim era a aula toda ela ficava perguntando e contando da vida dela, que até o pessoal foi ficando assim, pegando birra dela, porque ela contava, sempre contando uma história da vida e da família dela, às vezes nem era pertinente àquela aula né. E daí ela foi ficando assim inconveniente.

O relato de Edna fornece outra perspectiva sobre Jussara, indicando a conflituosidade com a qual esta tentava dar sentido à própria formação. Este trecho denuncia também o despreparo docente para coordenar os processos de aprendizado ao longo de um curso que, ao tratar de variadas questões humanas, também fará os estudantes refletirem sobre as próprias. Cabe questionar, neste caso, o que haveria de tamanho risco nestas situações que impedisse os/as docentes de dizerem a Jussara que as discussões em sala de aula possuíam limites para a busca que ela empreendia, indicando espaços formativos alternativos para que ela pudesse desenvolver suas inquietações. A presunção antecipada de que estudantes negras, atravessadas por variados marcadores sociais tão densos quanto a racialidade em suas biografias, são problemáticas, alude não somente ao racismo quanto ao epistemicídio basilar das teorias psicológicas.

Sem mencionar o aspecto racial, o teórico Fernando González Rey constatou os impactos da invisibilidade das emoções nas abordagens teóricas da Psicologia. Segundo o autor, a obsessão pela objetividade é a tendência que mais tem marcado o desenvolvimento da ciência psicológica, e embora as abordagens psicodinâmicas, como as psicanálises, as emoções tenham maior destaque, ainda se têm apresentado uma visão reducionista, biologicista e universal da natureza humana (González Rey, 2005; González Rey; Martínez, 2017). Para González Rey (2005) as emoções não somente ocupam um lugar central no desenvolvimento humano, como também são a unidade essencial da subjetividade e é somente quando isto é considerado que se podem desenvolver práticas de saúde efetivas, aprendizagens criativas e significativas no âmbito educacional (González Rey; Martínez, 2017). A imaginação, a fantasia e a especulação reflexiva na pesquisa também cumprem papel determinante na produção de conhecimento sobre processos humanos, sendo indispensável na produção de informações mediante pesquisadores e participantes engajados e envolvidos emocionalmente (González Rey; Martínez, 2017).

No mesmo sentido, pode-se resgatar um dos argumentos fundamentais que justificava a escravização de povos africanos: a crença de que estes não possuíam alma ou intelecto sendo

naturalmente aptos para o trabalho braçal (Moura, 1983). Tida como paixão contraposta à racionalidade, emoção e negritude são praticamente sinônimos, trazendo no bojo de sua significação a desvirtude, a imoralidade e até mesmo a sujeira se considerarmos as percepções da teórica Ani (1994) quando afirma que os africanos são historicamente como antítese daquilo que é considerado bom.

(13) Edna: Porque a minha amigona mesmo é essa que eu fiz o TCC (Jussara) e junto nessas disciplinas ela não tava comigo, porque onde ela tava eu tava sempre grudada nela. Né, e às vezes ela tentava mudar de grupo tudo e, nunca dava certo, acabava voltando pro mesmo grupo, porque ela sempre tinha aquela ilusão “ah vou pra aquele outro grupo, porque as pessoas são assim e assado”, e continuava na mesma. Eu falava “eu falei que você ia se ferrar no grupo do fulano, eu te avisei” (riso). Porque daí ela ia toda esperançosa pro grupo achando que ia ser uma coisa diferente né e depois ela vinha “ai nossa, fulano é assim e assim”, eu falei “eu te falei, teimosa, eu te falei que a pessoa era assim”. Né, e com aquela teimosia né, até teve uma época que ela dizia “ai a pessoa não me acolhe”, e eu falei “fia, você veio aqui pra estudar ou veio pra socializar, eu vim pra estudar se esse povo vai com a minha cara bom pra eles, se eles não vão azar o deles pois eles vão ter que me engolir.

Este excerto da fala de Edna corrobora a ideia de que as condições formativas e institucionais de Jussara a pressionavam para uma vivência acadêmica esvaída e distanciada da emocionalidade e pouco comprometida com o engajamento estudantil nos processos de ensino, o relato de Edna sobre o cotidiano compartilhado com a amiga denota não apenas a imposição de regras implícitas e códigos de convivência baseados no embranquecimento, tanto pela via institucional, curricular e das próprias teorias psicológicas. Como não se tornar um problema acadêmico ao tentar construir consciência racial dando sentido pessoal à formação na graduação de psicologia? Sobre isso, o estudo de Rosa e Alves (2020) é enfático ao demonstrar a importância do encontro entre iguais, da constituição de coletivos negros e da escuta clínica psicológica na permanência de estudantes negros/as nas universidades.

A identidade entendida como a história de metamorfoses do indivíduo (Soares, Ferrarini & Ruppel, 2013), como um infinito processo de identificar-se a partir de outras identidades e do acúmulo histórico engendrado nas práticas sociais originárias da constituição humana (Ciampa, 1989), esteve ligada às dimensões políticas da vivência acadêmica analisada. As políticas de identidade (Miranda, 2013), maneira como coletivos lutam pela afirmação de suas identidades coletivas, mostrou-se pulsante no cotidiano das participantes, sendo cenário para a construção de suas identidades políticas (Ciampa, 2002), um processo no qual, através de uma atitude reflexiva, elas demonstraram pretensões de reconhecimento ao desafiar parâmetros políticos hegemônicos (Ciampa, 2002; Almeida, 2005 apud Miranda, 2013) presentes nestas instituições de ensino através do racismo institucional invasor de suas trajetórias.

A partir destas considerações apreende-se que a politização da identidade profissional pode se configurar como um recurso educacional orientador para a formação de estudantes de psicologia negras, sendo inevitável a partir da construção consciente da identidade racial.

3.3 Pesquisando como centro da produção de conhecimento: pesquisando com pares raciais?

O/A pesquisador(a) como centro da produção de conhecimento é um pressuposto central para realização da Epistemologia Qualitativa na pesquisa, onde toda produção de informação resulta em um modelo teórico daquele/a que pesquisa sobre o problema de investigação (González Rey; Martínez, 2017). E, quando se trata da pesquisa sobre questões raciais sendo uma pesquisadora negra, torna-se ainda mais premente, ao contrário do que comumente se supõe, desenvolver estudos sobre os processos subjetivos que constituem a identidade racial enquanto identidade política (Ciampa, 2002). É nesse sentido que esta sessão será expressa em primeira pessoa, expondo o relato e a reflexão da mestrandia pesquisadora sobre a história de suas percepções e inquietações ao longo da pesquisa realizada. Intenciona-se com esta mudança textual romper com leituras estereotipadas e equivocadas acerca do valor informacional dos dados obtidos em pesquisas qualitativas desenvolvidas por pós-graduandos/as negros/as quando suas trajetórias de vida são uma das fontes de dados ou instrumento de reflexão sobre as problemáticas de investigação.

Um dos primeiros estigmas relacionados à minha prática de pesquisa surgiu quando uma docente próxima a meu grupo de pesquisa me direcionou o seguinte comentário: *“sua pesquisa é interessante porque você está pesquisando a si mesma”*. ela se referia ao fato de eu ser uma pesquisadora negra buscando compreender a vivência acadêmica de outras mulheres negras estudantes de psicologia. No momento não consegui compreender porque esta observação me deixou desconfortável e confusa sobre o modo como tinha me afetado. Anos depois, contudo, considero que duas suposições sintetizadas nesta fala são problemáticas: I. a constatação imediata de que eu também tinha utilizado “cotas raciais” para adentrar a universidade e II. não seria necessário que eu estudasse intensamente conteúdos sobre relações raciais visto que minha experiência pessoal já me conferia todo conhecimento necessário sobre o tema. Poderia supor também que o mestrado seria um longo mergulho introspectivo ou uma espécie de terapia.

Todas estas suposições reproduzem equívocos amplamente disseminados na sociedade brasileira sobre as relações raciais e as populações negras: a concepção de que todas as pessoas negras possuem trajetórias de vida, construções da identidade racial e acessos semelhantes a políticas reparatórias, além da crença de que estas são fontes explicativas imediatas sobre a própria negritude e qualquer temática que envolva a racialidade (Souza, 2021; Nasciutti, 2021). Eu não tinha adentrado a graduação de psicologia mediante cotas raciais, tampouco considerava que minha experiência de vida me traria facilidades na produção de dados visto que eu não era próxima da realidade das participantes e receava constantemente não ter lido o suficiente intelectuais negros/os para elaborar interpretações sensíveis a minha problemática de pesquisa. Apesar de ter certa atividade militante anterior ao mestrado em prol das “cotas raciais”, adentrei a graduação via cotas sociais, pois na época de vestibular acreditava que as cotas raciais não me cabiam.

“Você precisa limpar o seu texto, tirar os excessos pessoais, as insurgências psicanalíticas do seu texto”, é o segundo comentário que destaco, tendo também ouvido de uma docente que leu meu trabalho em um dos espaços de compartilhamento de pesquisas dentro da universidade. Atualmente avalio que o impacto deste evento foi maior do que eu percebia, mesmo sabendo que esta situação tinha me afetado negativamente. Foi em uma sessão terapêutica que me dei conta do quanto isto sustentava

um longo bloqueio de escrita em relação à dissertação, impedindo-me de publicar qualquer coisa ou falar sobre minha experiência de mestrado. Em um dos momentos desta sessão terapêutica quando relatei esta ocorrência fui surpreendida pelo comentário da psicóloga que me acompanhava: “*seu texto estava sujo para ser limpo?*”. A constatação desta fala como uma violência racista me possibilitou abandonar o intenso sentimento de culpa que eu tinha por ter produzido a dissertação.

Por último, gostaria de afirmar a seguinte provocação: não existe pesquisa com pares raciais para pesquisadoras/es - participantes negras/os. Nos dias atuais, após o acúmulo de reflexões sobre o entrelaçamento de minha experiência pessoal, profissional e acadêmica recordei literaturas, as quais pressupõe que ao pesquisar realidades cujos marcadores sociais da diferença fazem parte da vida de quem pesquisa, é necessário incluir estratégias de distanciamento para que as questões pessoais do/a pesquisador/a não interfiram demasiadamente na produção de dados comprometendo a validade dos resultados. No que tenho interpretado, variados/as autoras/es tem se referido a este tipo de pesquisa como se fosse uma “pesquisa com pares”, dando destaque à semelhanças entre pesquisador/a e pesquisado/a.

Considero tais procedimentos válidos desde que estejamos atentos ao excesso desta mesma recomendação. Meu primeiro argumento sobre a cautela com esta premissa se baseia no que Fernando González Rey (2005) afirma sobre a negação da subjetividade e a permanência do instrumentalismo na pesquisa científica, quando se fixam instrumentos à priori do processo dinâmico de investigação. Conforme o autor, a negação da dimensão subjetiva tem sido recorrente no desenvolvimento da Psicologia, fato que permite questionar o impacto deste processo para as subjetividades negras que pesquisam e são pesquisadas.

Em síntese, compreendo a partir desta reflexão que pesquisadores/as negros/as pesquisam com suas subjetividades, mas também com o racismo institucional, científico, com a discriminação racial, quando não com a violência de Estado, suas histórias e trajetórias singulares as quais não podem ser reduzidas a uma relação interpessoal com outros “pares”. Além disso, tais questões muitas vezes são negligenciadas quando se trata de pesquisadores/as brancos/as que sequer são questionados/as sobre sua identidade racial nas pesquisas com pessoas negras. Recair neste equívoco é negar a dimensão social, ética e política que circunscreve a comunidade científica, contradizendo a necessidade de políticas reparatórias em todos os âmbitos sociais incluindo a pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da vivência acadêmica permitiu compreender os atravessamentos institucionais, curriculares, relacionais e epistemológicos engendrados nas e pelas relações raciais, levantando questões como a articulação entre liberalismo e epistemicídio na precarização do ensino na graduação, a politização da identidade profissional como recurso formativo e as decorrências éticas para a pesquisa com acadêmicas negras, resultantes do estudo realizado.

Em virtude do tempo escasso para a pesquisa de campo não foi possível abordar outros aspectos relacionados ao desenvolvimento de outros processos subjetivos envolvidos na vivência acadêmica, explorando, por exemplo, questões relacionadas à identidade racial branca. Também não foi possível

aprofundar a dimensão subjetiva dos relacionamentos interraciais na vida conjugal, acadêmica ou profissional. Estudos voltados para as temáticas da branquitude e da subjetividade social durante a graduação e após a obtenção do diploma universitário podem contribuir para a discutir estas lacunas futuramente.

De todo modo, esta pesquisa reafirma a necessidade de novas pesquisas sobre a vivência acadêmica relacionada às ações afirmativas, sublinhando a importância de programas e financiamentos voltados para a permanência de discentes negras a fim de tornar a facilitação do ingresso uma política afirmativa eficaz.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Juliana de Souza; CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo & BARBOSA, Milka Alves Correia. Da liberdade à “Gaiola De Cristal”: sobre o produtivismo acadêmico na pós-graduação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 9, n. 1, p. 169-197, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/43356/22445>. Acesso em: 31 jul. 2023.
- ALMEIDA, Silvio Luís de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- ARONI, Allan. **O ensino superior como atividade empresarial e o cidadão mínimo no Brasil: o peso da mão liberal e a marca de uma aliança não visível. Uma análise do Ensino Superior a partir dos dilemas que envolvem as políticas públicas**. 2008, 215 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.48.2008.tde-09102008-115646>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- BENTO, Maria Aparecida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BENTO, Maria Aparecida. **Branqueamento e branquitude no brasil**. In: CARONE, Iraí; Bento, Maria Aparecida (Orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 01-30.
- BICUDO, Viginia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. In: MAIO, Marcos Chor (Org.). **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Sociologia e Política, 2010, p. 01-192.
- CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 5-15, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300002> Acesso em: 07 jul. 2024.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. **Revista da ABPN**, Curitiba, v. 11, p. 65-89, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2019.v11.c.1.p65-86>. Acesso em: 09 mar. 2023.
- LYRIO, Bruna Cristina da Conceição; GUIMARÃES, Reinaldo da Silva. Porque para o negro sim! As cotas raciais como política de ação afirmativa nas universidades e nas instituições públicas: a defesa de um espaço. **O social em questão**, n. 32, p. 75- 100. Jul- Dez, 2014. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm> Acesso em: 15 nov. 2023.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 15 out. 2023.

- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: CODO, Wanderley; LANE, Silvia Maurer Tatiana (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense. 1989. Disponível em: https://geisamoterani.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/05/o_homem_em_movimento_silvia_lane_wand_codo.pdf Acesso em: 07 jun. 2024.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKAN, Christian Ingo Lenz; PASSOS, Maria Consuelo (Orgs.). **Uma Psicologia que se interroga: ensaios**. São Paulo: Edicon. 2002, p. 120-135.
- CORDEIRO, Ana Luisa Alves; AUAD, Daniela. Estratégias de Resistência de Negras Cotistas Lésbicas e Bissexuais. **Revista Estudos Feministas**, n. 29, v. 3, p. 1- 13, nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n382622> . Acesso em: 18 out. 2023.
- COSTA, Camila Furlan da; SILVA, Sueli Maria Goulart. Novo neoliberalismo acadêmico e o ensino superior no brasil. **Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 25, n. 3, p. 6–35, set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-2311.251.89569> . Acesso em: 31 ago. 2023.
- DAFLON, Verônica Toste; FERES JÚNIOR, João; CAMPOS, Luiz Augusto. Ações afirmativas raciais no ensino superior público brasileiro: um panorama analítico. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 148, p. 302–327, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742013000100015> . Acesso em: 01 out. 2023.
- DIOP, Cheik Anta. **A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica**. Portugal: Edições Pedagogo, 2014.
- GOMES, Nilma Lino; SILVA; Paulo Vinicius Batista da; BRITO, José Eustáquio de. Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. 1- 14, dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.258226> . Acesso em: 17 out. 2023.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luís; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA – GEMAA. **Levantamento das Políticas de Ação Afirmativa nas Universidades Públicas brasileiras (2021) – dashboard**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/textos-para-discussao/levantamento-das-politicas-de-acao-afirmativa-nas-universidades-publicas-brasileiras-2021-dashboard/>. Acesso em: 17 out. 2023.
- GROSFOGUEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea**, v. 2, n.2, p. 337-362, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/86>. Acesso em: 17 out. 2023.

- LEIBÃO, Matheus de Carvalho. Conceitos do liberalismo e educação. Indivíduo, propriedade e liberdade na educação brasileira. **Movimento Revista de Educação**, n. 3, p. 253- 272, jan. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/mov.v0i3.266> . Acesso em: 17 jul. 2023.
- LIMA, Marcus E. O; LEITE, Michele de Farias. Conteúdo dos estereótipos e preconceito racial: efeitos da cordialidade e da competência. **Psic. Teor. e Pesq.**, n. 37, p. 1- 11, set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37546> . Acesso em: 16 jul. 2023.
- MIRANDA, Rosane de Sousa. **Racismo no contexto da saúde**: um estudo psicossociológico. 194f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7688/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- MIRANDA, Sheila Ferreira. **Negros, profissionais e acadêmicos**: sentidos identitários e os efeitos do discurso ideológico do mérito. 286f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17034> Acesso em: 07 jun. 2024.
- MOURA, Clóvis. Escravidão, Colonialismo, Imperialismo e Racismo. **Revista Afro Ásia**, Salvador, n. 14, 1984. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/issue/view/1448/showToc> . Acesso em: 10 jun. 2023.
- NASCIUTTI, Luiza Freire. SOUZA, Neusa Santos. 2021. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 37, p. 01-11, dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21402.r> Acesso em: 07 jun. 2024.
- OLIVEIRA, Edna Imaculada Inácio de; MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. A ampliação da base social da educação superior no contexto do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais: o caso do ProUni. **Revista Brasileira De Estudos Pedagógicos**, n.93, v.235, p. 743–769, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/yswwsw7dK58ws8zgzqnnqzj/?lang=pt#> . Acesso em: 03 ago. 2023.
- PASQUALINI, Juliana Campregher; MARTINS, Ligia Maria. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia & Sociedade**, n. 27, v. 2, p. 362-371, ago. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362> Acesso em: 01 ago. 2023.
- PASSOS, Joana Célia dos. Relações raciais, cultura acadêmica e tensionamentos após ações afirmativas. **Educação em Revista**, n. 31, v. 2, p. 155- 182, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698134242> . Acesso em: 18 set. 2023.
- PAULA, Camila Henriques de; ALMEIDA, Fernanda Maria de. O programa Reuni e o desempenho das Ifes brasileiras. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 28, n. 109, p. 1054–1075, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/5pyvGF4sGMOsn89ZYfWHsh/#>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- PAULA, Leonardo Régis de; RODRIGUES, Luciana. Raça e racismo: histórias ficcionais de corpos negros na universidade. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 22, n. 54, p. 414-430, ago. 2022. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2022000200009&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 17 nov. 2023.

PINHEIRO, Daniel Calbino; PEREIRA, Rafael Diogo; XAVIER, Wesley Silva. Impactos das cotas no ensino superior: um balanço do desempenho dos cotistas nas universidades estaduais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. 1- 30, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260020>. Acesso em: 19 ago. 2023.

ROSA, Evellyn Gonçalves da ; ALVES, Míriam Cristiane. Estilhaçando a Máscara do Silenciamento: Movimentos de (Re)Existência de Estudantes Negros/Negras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. spe, p. 1- 14. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229978>. Acesso em: 15 out. 2023.

ROSSATO, Maristela. A complexidade da subjetividade nos primeiros meses de vida e na aprendizagem criativa da leitura e da escrita. *In*: MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; TACCA, Maria Carmen V. R; PUENTES, Roberto Valdés. **Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional**. São Paulo: Alínea, 2020, p. 119- 137.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SALLES, Roberto Sousa *et al.* Reuni e seus impactos nas Instituições Federais de Educação Superior (IFES): uma análise da admissão de docentes de 2007 a 2017. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 36, n. 1, p. 310–335, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/101107>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “Objeto da Ciência” ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. spe, p. 172–185, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703130002017>. Acesso em: 25 out. 2023.

SILVÉRIO, Valter Roberto *et al.* Lei de cotas +10: o financiamento como desafio. **Educação & Sociedade**, v. 43, p. 1- 20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.254982>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SLAVE VOYAGES. **Intra- american Slave Trade – Database**. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/voyage/database#>. Acesso em: 07 nov. 2023.

SOARES, Crisfanny Souza; Ferrarini Norma da Luz & Ruppel, Dirlene. **Identidade e políticas afirmativas: o Projeto Afroatitude/UFPR**. *In*: FERRARINI, Norma da Luz; RUPPEL, Dirlene. **Inclusão Racial e Social: considerações sobre a trajetória UFPR**. Curitiba, PR: UFPR, 2013, p. 102- 125.

TAVARES, Maria das Graças Medeiros; OLIVEIRA, Maria Antonieta Albuquerque de.; SEIFFERT, Otília Maria Lúcia Barbosa. Avaliação da educação superior na Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação: ênfases e tendências. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, v. 19, n. 71, p. 233-258, jun. 2011. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40362011000200002&script=sci_abstract. Acesso em: 07 jul. 2024.

TERRA, Rosane Beatris Mariano da Rocha Barcel; CARRARO, Guilherme Streit; FERREIRA, Maria Paula da Rosa. As Políticas Públicas de Inclusão ao Ensino Superior: uma análise do contexto brasileiro nos últimos 20 anos. **Sequência (Florianópolis)**, n. 83, p. 142–159, set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2177-7055.2019v41n83p142>. Acesso em: 30 set. 2023.

VIEIRA, Josimar de Aparecido; CASTAMAN, Ana Sara & JUNGES JÚNIOR, Mario Luiz. Produtivismo acadêmico: representação da universidade como espaço de reprodução social. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 26, n. 1, p. 253- 269, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/4663>. Acesso em: 7 jul. 2024.

Recebido em: 12 de dezembro de 2023.

Aprovado em: 1 de julho de 2024.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/12002>

ⁱ **Karin Juliana Daffinyn da Silva**. Doutoranda bolsista no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, compõe o Núcleo de Estudos e Intervenção Psicossocial à Diversidade (NEPsiD) e Núcleo de Estudos E'léékò. Porto Alegre, RS, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8668139537179843>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3497-6349>

E-mail: psicologakarinjuliana@gmail.com

ⁱⁱ **Adolfo Pizzinato**. Doutor em Psicologia pela Universitat Autònoma de Barcelona, Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7902507174864967>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1777-5860>

E-mail: adolfofizzinato@hotmail.com